

A dádiva como prática social

The gift as social practice

Ana Carolina Júlio

Informações do artigo

Recebido em: 09/04/2019

Aprovado em: 29/06/2020

Palavras-chave: Prática Social. Organizing. Epistemologia de Schatzki. Teoria da Dádiva. Marcel Mauss.

Keywords: Social Practice. Organizing. Schatzki's Epistemology. Gift Theory. Marcel Mauss.

Autores

*Mestre e Doutora em Administração
Universidade Federal do Espírito
Santo - UFES
carol.juliosilva@gmail.com

Como citar este artigo:

JÚLIO, Ana Carolina. A dádiva como prática social. **Competência**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, jul. 2020.

Resumo

Este artigo analisa como outras possibilidades de relações sociais, marcadas pela honra, respeito, afeto e reciprocidade, influenciam a vida social e o processo organizativo (*organizing*) de uma escola de samba. Para compreender esses fenômenos, as ideias de Schatzki e Mauss são utilizadas. Está é uma pesquisa qualitativa que triangula observação participante de inspiração etnográfica, entrevistas e pesquisa documental. Durante o carnaval, o objetivo da escola foi honrar o pavilhão e a memória do seu presidente, retribuindo a dádiva que se recebeu: o prazer de desfilar, a amizade e a família. Assim, as dádivas revelaram-se como uma prática social, sendo marcadas pelas teleoafetividades (uma combinação de propósitos e afetos). Os objetivos de uma organização podem ir além de seus resultados instrumentais/racionais, coexistindo com sentimentos, emoções e humores. As teleoafetividades também podem orientar o que as pessoas fazem; sendo as dádivas exemplos de práticas norteadas por essa dinâmica afetiva.

Resumen

This paper analyzes how other possibilities of social relations, marked by honor, respect, affection and reciprocity, influence the social life and the organizing of a samba school. To understand these phenomena, the ideas of Schatzki and Mauss are used. This is a qualitative research that resorts participant observation, interviews and documentary research. During the carnival parade, the main goal of the samba school was to honor its flag and the memory of its president, by giving back the gift that one has received: the pleasure of parading, friendship and family. Therefore, the gifts were revealed as a social practice, being marked by teleo-affective structures. The objectives of an organization can go beyond their instrumental/rational results, coexisting with feelings, emotions and moods. Teleo-affective can also guide what people do; being the gift an example of a practice that is guided by this emotional dynamics.

1 INTRODUÇÃO

As escolas de samba são organizações tipicamente brasileiras, sendo seu grande objetivo desfilar no carnaval, representando sua comunidade e ampliando seu espaço social (GOLDWASSER, 1975). Em um sentido mais amplo, o carnaval abarca toda a sua produção: a transformação de um novo enredo¹ em samba-enredo², alegorias³ e fantasias, não podendo ser reduzido meramente a um grande festejo (CAVALCANTI, 1994; 2008). A produção carnavalesca é marcada por contradições e ambiguidades. Ao mesmo tempo em que um bom desfile precisa de dinheiro para ser produzido, profissionais como carnavalescos, estilistas e escultores são hábeis em “driblar” a escassez de recursos por meio de talento, criatividade e “bom gosto” (JÚLIO, 2015; JÚLIO; TURETA, 2018). Além disso, imprevisto, trabalho voluntário e fortes relações pessoais e afetivas coexistem com planejamento, terceirização e contratação de mão-de-obra especializada (BLASS, 2007).

Apesar de as agremiações serem objeto de estudo das Ciências Sociais desde a década de 1960 e do impacto econômico e social do carnaval para o Brasil, o processo organizativo (*organizing*) das escolas de samba e as práticas da produção do desfile não são muito exploradas pelos Estudos Organizacionais (TURETA; ARAÚJO, 2013).

As fortes relações pessoais e afetivas também foram analisadas por Marcell Mauss, em seu “Ensaio sobre a dádiva”. Segundo o autor, o que orienta o fenômeno da dádiva é a lógica social de “dar, receber e retribuir”. Assim, o caráter aparentemente voluntário, livre e gratuito da dádiva é, ao mesmo tempo, obrigatório e interessado; já que essas obrigações criam um laço entre os indivíduos, ou seja, fortes relações sociais. Os fundamentos da dádiva e a moral da reciprocidade são matrizes da vida em sociedade, estando presentes na contemporaneidade (MAUSS, 2013). Dessa forma, a dádiva pode ser interpretada enquanto uma prática social (SCHATZKI, 2002) muito antiga, um fenômeno considerável e presente na vida de inúmeros grupos sociais.

Diante disso, o objetivo geral que direciona minha investigação é: analisar como outras possibilidades de relações sociais, marcadas pela honra, respeito, afeto e reciprocidade, influenciam a vida social e o processo organizativo (*organizing*) de uma escola de samba.

Para compreender as agremiações e o desfile carnavalesco enquanto fenômenos sociais, utilizo a epistemologia de Schatzki e as noções de dádiva e reciprocidade de Mauss como minha base teórica. Quanto à justificativa, as teorias da prática podem contribuir para a análise das escolas de samba para além da *performance* do seu desfile e para a compreensão da produção carnavalesca como um conjunto organizado de práticas (SCHATZKI, 2002). Além disso, nos Estudos Organizacionais, as noções de dádiva e reciprocidade

de Mauss têm sido empregadas ainda de modo emergente, concentrando-se em estudos sobre economia solidária, por exemplo (FRANÇA; DZIMIRA, 1999; GAIGER, 2008; DE-FRANÇA-FILHO, 2013).

Para alcançar o objetivo exposto, considero a complementariedade dos instrumentos de coleta de dados (STAKE, 1994), triangulando observação participante de inspiração etnográfica com entrevistas e pesquisa documental. Em relação à análise e interpretação dos dados, emprego a análise de conteúdo temático *a posteriori* (SONPAR; GOLDEN-BIDDLE, 2008).

Ressalto que utilizo o recurso da narrativa em primeira pessoa de forma intencional, destacando, assim, minhas experiências com o campo, especialmente minha presença como pesquisadora durante as observações participantes (CAVALCANTI, 2008).

Este trabalho está organizado em quatro sessões, além desta introdução. No próximo item exponho a fundamentação teórica, discutindo brevemente os Estudos Baseados em Prática (EBP), a epistemologia de Schatzki e as noções de dádiva e reciprocidade de Mauss. Em seguida, apresento o método e os resultados de pesquisa que emergiriam da análise de conteúdo. Por fim, teço minhas considerações finais, sem, contudo, pretender esgotar a discussão.

2 ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICA (EBP)

O movimento da prática ganhou evidência nas décadas de 1970 e 1980, quando nas Ciências Sociais houve uma “virada” em direção ao estudo da prática e o debate entre teoria e prática tornou-se central, influenciando as Ciências Organizacionais (SCHATZKI; KNORR-CETINA; SAVIGNY, 2001). É necessário salientar que não há uma teoria da prática unificada, mas sim várias teorias da prática – as perspectivas de Giddens, Bourdieu, De Certeau, Latour e Foucault, por exemplo (NICOLINI, 2013; RECKWITZ, 2002).

As várias perspectivas da prática constituem, de modo bastante abrangente, uma família de abordagens ligadas por uma rede de semelhanças históricas e conceituais (NICOLINI, 2013). Um dos princípios analíticos comuns a essas abordagens é a noção de “consequencialidade das práticas”, de que a vida social se funda, se constitui por meio das práticas, sendo uma consequência dessas práticas cotidianas (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). Assim, a vida social é uma (re)produção contínua e fluida, emergindo através das ações (re)correntes e cotidianas dos atores sociais (SCHATZKI, 2006).

Diante disso, destaco que neste trabalho considero como referencial teórico a epistemologia de Schatzki (2002, 2005, 2006, 2012). Apesar desse filósofo americano ser um dos principais au-

tores contemporâneos do campo da prática, seus trabalhos ainda carecem de aplicação empírica direta (Ver JÚLIO, 2015; SANTOS, 2014), o que evidencia uma lacuna de estudos (NICOLINI, 2013).

O termo “prática social” vai além da mera descrição da ação humana, da reprodução de um padrão de ação ou de atividades rotinizadas (RECKWITZ, 2002), referindo-se a um conjunto de ações organizadas de fazer e dizer (SCHATZKI, 2002, 2005, 2006, 2012). Assim, toda prática é composta pelas dimensões atividade/ação e organização, sendo que sua organização se dá em torno de entendimentos, regras e teleoafetividades (uma combinação de propósitos e afetos). São justamente esses elementos que fazem com que determinados ditos e feitos (ações de fazer e dizer) estejam reunidos em torno de uma mesma prática (SCHATZKI, 2002).

2.1 EPISTEMOLOGIA DE SCHATZKI

Ao analisar as práticas como o principal elemento constitutivo da vida social, Schatzki desenvolveu uma visão bem particular da ação humana, afirmando que as pessoas fazem aquilo que faz sentido para elas, ou seja, o que tem propósito/finalidade (*telos*). O argumento baseia-se em um traço antropológico fundamental, que distingue nós seres humanos de outros primatas: Somos animais autointerpretativos. O autor denominou essa condição de “inteligibilidade da ação”, derivando daí seu conceito de “inteligibilidade das práticas sociais” (NICOLINI, 2013). É a inteligibilidade que dá sentido e significado à *performance* dos praticantes e às práticas propriamente ditas. Assim, a inteligibilidade orienta a ação dos atores sociais, sendo as práticas inteligíveis por serem dotadas desse propósito/finalidade (NICOLINI, 2013; SCHATZKI, 2002).

Apesar de o senso de propósito ser um fenômeno individual (é sempre para um indivíduo que uma ação específica faz ou não sentido), o entendimento que se tem sobre uma prática, ou seja, se a mesma faz ou não sentido, não é do indivíduo, mas sim impessoal, público e/ou social, assim como as práticas (SCHATZKI, 2002). Todavia, é importante ressaltar que a inteligibilidade da prática não é mero sinônimo de racionalidade ou instrumentalidade (abarcando sentimentos, emoções, afetos e humores dos indivíduos). Pelo contrário, a maioria das ações humanas é, na verdade, uma (re)ação emergente e não refletida, uma ação orientada por um senso de propósito (fins e meios para se alcançar determinado fim) que é socialmente construído, compartilhado e incorporado pelos indivíduos durante sua socialização (NICOLINI, 2013; SCHATZKI, 2002). É nesse sentido que as pessoas fazem aquilo que faz sentido para elas e para seu grupo social, considerando-se seu contexto social.

De modo mais específico, a inteligibilidade é explicitada pelas

teleoafetividades que organizam as práticas, sendo a manifestação do senso de propósito (teleo) e de uma complexa combinação desse senso de propósito com sentimentos, emoções, afetos e humores dos indivíduos. Segundo Schatzki (2002), o que faz sentido para uma pessoa fazer depende dos fins que ela persegue e dos afetos que ela sente ao se engajar em uma determinada prática.

Por exemplo, escrever um artigo pode fazer sentido para um indivíduo que segue uma carreira acadêmica ou que está sendo socializado nesse “mundo”. Ao se engajar nesse fazer, esse alguém deseja algo: compartilhar conhecimento, uma publicação, ou até mesmo *status*/poder. Da mesma forma, ao escrever um artigo, essa pessoa experimenta determinados afetos: ansiedade, satisfação ou até mesmo medo de não conseguir se expressar ou de ser mal compreendido.

É interessante notar que para Heidegger (2005), uma das bases filosóficas de Schatzki, a realidade se funda em uma “disposição de humor”, em diversos modos de sentir-se; o que abarca sentimentos, emoções e afetos. Diante disso, afirmar que as teleoafetividades (juntamente com entendimentos e regras) organizam a prática (SCHATZKI, 2002, 2005, 2006, 2012) não é meramente dizer que esse elemento é “apenas” uma das dimensões de determinadas práticas, ou tampouco subestimar a dinâmica afetiva da vida social (OLIVEIRA, 2014); mas sim declarar que as teleoafetividades são elementos constitutivos de toda e qualquer prática social.

Sendo a prática o principal elemento constitutivo do social (SCHATZKI, 2002; NICOLINI, 2013; FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011), afirmar que as teleoafetividades organizam toda e qualquer prática significa ressaltar que as teleoafetividades são dimensões básicas, elementos constitutivos e fundadores da vida em sociedade, da realidade social na qual estamos todos e “desde sempre” já imbricados, imersos (HEIDEGGER, 2005; RECKWITZ, 2012).

Dessa forma, a afetividade poderia ser reintegrada às análises sociais; afinal, a prática social está organizada em torno de uma dinâmica afetiva. Ou seja, afetos, sentimentos, emoções e humores são dimensões básicas, constitutivas e fundadoras da vida social e não fenômenos meramente neurofisiológicos, assumindo um papel ativo na constituição dos processos organizativos e da realidade social (RECKWITZ, 2012). Apesar disso, grande parte dos EBP tem dado pouca atenção à dimensão afetiva da vida social, o que também ilustra uma lacuna de estudo.

2.1.1 Organizações como acontecimento

Schatzki (2006) trata as organizações como um fenômeno social que acontece (assim como qualquer outro fenômeno), e não como

estruturas reificadas, prontas ou acabadas. Assim, as organizações são analisadas como um processo organizativo emergente e fluido (*organizing*) que se encontra em constante estado de (re) constituição, como o resultado de interações sociais cotidianas (CZARNIAWSKA, 2004; 2008; SCHATZKI, 2006).

É necessário destacar que entender uma organização como um acontecimento não é simplesmente observar o acontecimento, a *performance* dessa organização (SCHATZKI, 2006). Sendo uma organização um fenômeno social como outro qualquer, seu acontecimento se dá em torno dos elementos regras, entendimentos e teleoafetividades, assim como dos arranjos materiais (artefatos, organismos e indivíduos) que dão suporte a esse processo organizativo (SCHATZKI, 2006).

Entender uma organização enquanto um acontecimento também significa perceber que seus objetivos podem ir além de seus resultados instrumentais, orientação, sobrevivência ou vantagem competitiva; coexistindo com sentimentos, emoções, afetos e humores dos atores sociais enquanto praticantes. Conforme destaca Schatzki (2002; 2006), a teleoafetividade também pode orientar o que as pessoas fazem. Afinal, o senso de propósito que organiza uma prática, ao ser incorporado por esses atores durante sua socialização, transforma-se em desejo, tomando o indivíduo, que, muitas vezes, (re)age de modo emergente e não refletido. Assim, entender os objetivos organizacionais de modo estritamente performático, instrumental e racional é enxergar apenas a “ponta do iceberg”, a *performance* e não o acontecimento das organizações enquanto um fenômeno social que acontece (JÚLIO, 2015).

3 DÁDIVA E RECIPROCIDADE

Em seu “Ensaio sobre a dádiva”, Marcell Mauss (2013) analisa o fenômeno “dar, receber e retribuir” a partir da vida social dos povos da Polinésia, da Melanésia e dos indígenas norte americanos.

Mauss revela que as primeiras relações voluntárias e contratuais não se deram entre indivíduos, mas entre grupos sociais; não sendo os indivíduos e sim as coletividades que mantêm obrigações de prestações recíprocas mediante grupos familiares, comunitários ou seus chefes: “Em primeiro lugar, não são indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam, as pessoas presentes ao contrato são pessoas morais – clãs, tribos, famílias [...]” (MAUSS, 2013, p. 13-14). Além disso, as obrigações de dar, receber e retribuir não se restringem somente a bens materiais, abarcando bens simbólicos.

“[...] o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente [...]” (MAUSS, 2013, p. 14)

“[...] depois da festa do nascimento [...] o marido e a mulher não se encontravam mais ricos do que antes. Mas tinham a satisfação de ter visto o que eles consideravam uma grande honra: massas de propriedades reunidas por ocasião do nascimento do seu filho [...]” (MAUSS, 2013, p. 20)

Mauss (2013) percebera que a lógica social que orienta a dádiva poderia ser explicada por meio da obrigação de retribuir. Assim, o caráter aparentemente voluntário, livre e gratuito da dádiva, seria, ao mesmo tempo, obrigatório e interessado. Cada uma dessas obrigações criaria um laço entre os atores da dádiva, uma vez que presentear alguma coisa a alguém seria o mesmo que presentear algo de si; assim como aceitar alguma coisa de alguém seria aceitar algo da sua essência.

Dessa forma, não há apenas a obrigação de retribuir, mas também a obrigação de dar e receber. A retribuição da dádiva seria explicada pela existência dessa força: um “vínculo de almas” associado de maneira inalienável ao nome do doador, ao seu prestígio. Os nativos acreditavam que o *mana*, a força de ser do doador, acompanhava o bem dado onde quer que ele fosse; sendo justamente por isso que a dádiva criaria uma dependência para com o outro, já que o *mana* seria inalienável (MAUSS, 2013).

Todavia, não é no sentido utilitarista que o doador deveria recuperar seu bem, mas sim porque querer resguardar seu *mana*, seu prestígio, sua honra. Portanto, aquele que recebe um bem, estaria obrigado a restituí-lo, sob pena de ficar sob sua dependência, sofrer algum grande mal, ou até mesmo morrer. Por meio da reciprocidade das dádivas, pelo movimento dos bens, cria-se um valor simbólico e coletivo, socialmente compartilhado (MAUSS, 2013).

Enquanto a troca mercantil é motivada pelo interesse, no sistema de dádiva reina o respeito recíproco, a nobreza, a honra, o prestígio que o doador ganha ao dar; sendo a moral o fundamento dessas relações sociais. Também é interessante notar que a reciprocidade implica preocupação com o outro, com a circulação dos bens entre as gerações (SABOURIN, 2008; MAUSS, 2013). Essa estrutura de reciprocidade ternária, segundo Saborin (2008), reproduz o sentimento e o valor ético da responsabilidade entre gerações; entre pais, filhos e genros, assim como, entre seus mortos. Afinal, perder o prestígio equivale a perder a alma, perder o direito de usar um brasão, um totem (MAUSS, 2013).

A moral da reciprocidade seria uma das matrizes da humanida-

de, da vida social: “[...] uma das rochas humanas sobre as quais são construídas nossas sociedades [...]” (MAUSS, 2013, p. 12); já que os fundamentos da dádiva - dar, receber e retribuir - continuam presentes na contemporaneidade, sobretudo, mas não exclusivamente, nas relações familiares e de amizade. Por exemplo:

“Toda a nossa legislação de previdência social [...] inspira-se na seguinte princípio: o trabalhador deu sua vida e seu trabalho à coletividade, de um lado, a seus patrões, de outro, e, se ele deve colaborar na obra da previdência, os que se beneficiaram de seus serviços não estão quites em relação a ele com o pagamento do salário, o próprio Estado, que representa a comunidade, devendo-lhe, com a contribuição dos patrões e dele mesmo, uma certa seguridade em vida, contra o desemprego, a doença, a velhice e a morte. (MAUSS, 2013, p. 114-115)

Dessa forma, a dádiva, enquanto um sistema de prestações totais, pode ser interpretada enquanto uma prática muito antiga, um fenômeno considerável e presente na vida social de todos os povos; “[...] o mais antigo sistema de economia e de direito que podemos constatar e conceber [...]” (MAUSS, 2013, p. 119). Por fim, a lógica social híbrida da dádiva - que não pode ser reduzida a prestações livres e gratuitas, ou tampouco a trocas puramente interessadas pelo útil - também evidencia o movimento, o aspecto vivo das sociedades. Conforme realça Mauss (2013, p. 135):

“Nas sociedades apreendemos mais que ideias ou regras, apreendemos homens, grupos e seus comportamentos. Vemo-los se moverem como em mecânica se movem massas e sistemas, ou como no mar vemos polvos e anêmonas. Percebemos quantidades de homens, forças móveis, que flutuam em seu ambiente e em seus sentimentos.

4 A DÁDIVA COMO PRÁTICA SOCIAL

As relações de dádiva não se dão entre indivíduos, mas entre grupos sociais, sendo as coletividades que mantêm obrigações recíprocas de dar e receber. Dessa forma, os indivíduos agem como “portadores” da dádiva, que, por sua vez, pode ser entendida enquanto uma prática social, ou seja, um conjunto organizado de ditos e feitos (SCHATZKI, 2002). O próprio Mauss (2013) argumenta que a dádiva é uma prática (um padrão de ação) muito antiga, um fenômeno considerável e presente na vida social de todos os povos.

Também é interessante notar que a reciprocidade da dádiva implica preocupação com o outro, com a circulação dos bens entre as gerações; sendo essa estrutura de reciprocidade que reproduz o sentimento e o valor ético da responsabilidade entre gerações; entre pais e filhos, por exemplo (MAUSS, 2013). Mais uma vez, o caráter social da dádiva é ressaltado.

Por outro lado, o caráter aparentemente voluntário, livre e gratuito da dádiva, seria, ao mesmo tempo, obrigatório e interessado; havendo nas relações de dádiva uma lógica social híbrida, o que evi-

dencia o movimento, o aspecto vivo das sociedades (MAUSS, 2013); ou seja, o acontecimento de seu processo organizativo (*organizing*) (CZARNIAWSKA, 2004; 2008; SCHATZKI, 2006). Assim, a prática da dádiva seria melhor compreendida por meio de seu dinamismo; o que evidencia que padrões de ação e atividades rotinizadas também caracterizam a prática, mas não a reduzem (SANTOS, 2014).

Além disso, compreender a dádiva enquanto algo essencialmente voluntário é ver apenas a ponta do *iceberg*, ou seja, a *performance* desse fenômeno social e não seu acontecimento (JÚLIO, 2015). Afinal, a lógica social que orienta a dádiva também deve ser explicada por meio da obrigação de retribuir (MAUSS, 2013). Esse acontecimento da dádiva, como o de outras práticas quaisquer, organiza-se em torno dos elementos regras (há uma gramática social que regula a dádiva), entendimentos (os indivíduos compreendem que devem receber e, principalmente, retribuir a dádiva recebida) e teleoafetividades (os bens trocados expressam a afetividade do doador, provocando sentimentos no receptor), assim como dos arranjos materiais (banquetes, danças e festas, por exemplo) que dão suporte a essa prática social.

O fato de as obrigações de dar, receber e retribuir não se restringirem somente a bens materiais, abarcando os bens simbólicos e as amabilidades que são trocadas, revela que no sistema de dádiva reina o respeito recíproco, a nobreza, a honra, o prestígio que o doador ganha ao dar (MAUSS, 2013). Assim, a dinâmica emocional/afetiva que constitui, organiza e orienta fortemente a prática da dádiva (assim como a vida em sociedade) é evidenciada.

Compreendendo as teleoafetividades que orientam a dádiva, é possível apreender a complexa combinação de senso de propósito (fins e meios para se alcançar determinado fim), sentimentos, emoções, afetos e humores dos indivíduos enquanto praticantes da dádiva. Afinal, o que faz sentido para um indivíduo depende dos fins que ele persegue (honrar seu grupo social, por exemplo) e dos afetos que ele sente (prestígio, felicidade, alívio, sensação de “dever cumprido”) ao se engajar nessa prática.

Por fim, as relações de “dar-receber-retribuir” revelam que afetos, sentimentos, emoções e humores são dimensões básicas que assumem um papel ativo na constituição da dádiva como prática social, sendo, igualmente, fundadores da vida em sociedade, da realidade social na qual estamos todos e “desde sempre” já imbricados, imersos (HEIDEGGER, 2005; RECKWITZ, 2012).

5 MÉTODO

Considerando que o estudo da complexidade social demanda uma variedade de instrumentos de coleta de dados (BAUER;

GASKELL; ALLUM, 2002), realizei este estudo por meio da triangulação entre observação participante de inspiração etnográfica (com descrição densa das observações registradas em diários de campo), entrevistas e pesquisa documental.

Ressalto que utilizo o recurso da narrativa em primeira pessoa de forma intencional, destacando, assim, minhas experiências com o campo, especialmente minha presença como pesquisadora durante as observações participantes (CAVALCANTI, 2008).

Para que o processo de produção do desfile pudesse ser analisado, acompanhei o ciclo carnavalesco de 2014/2015 de uma escola de samba de Vitória/ES. A pesquisa de campo teve início em outubro de 2014 e término em março de 2015, sendo que a mesma começou a acontecer de modo sistemático a partir de dezembro.

As observações aconteceram em diferentes contextos: ateliês (onde as fantasias foram confeccionadas), barracão pesado (onde os carros alegóricos foram produzidos), sede (onde reuniões aconteceram), quadra da escola (onde reuniões e ensaios gerais ocorreram), e sambão do povo (local de realização do ensaio técnico e do desfile carnavalesco). Realizei 35 observações, totalizando cerca de 85 horas de trabalho, todas as observações foram registradas densamente em diários de campo. Minha última observação aconteceu no dia 10 de fevereiro de 2015, na apuração do desfile.

Os sujeitos entrevistados foram selecionados de acordo com seu tempo como integrantes da escola de samba. Foram realizadas nove entrevistas exploratórias e 15 em profundidade. As entrevistas exploratórias tinham o intuito de realizar um contato inicial com o campo, com os integrantes da escola de samba, assim como tirar dúvidas iniciais sobre o objeto de estudo e a produção do desfile carnavalesco.

As entrevistas em profundidade, por sua vez, contavam com um roteiro semiestruturado, adaptável de acordo com as particularidades de cada um dos sujeitos. Além disso, durante as entrevistas, busquei não interferir na ordenação das narrativas (OLIVEIRA; CAVEDON, 2013). Ao todo foram 40 horas de entrevistas, sendo a duração média de 1 hora e 40 minutos. Para que a análise dos dados pudesse ser realizada, as entrevistas foram gravadas e transcritas.

Quadro 1: Entrevistas

Entrevistado	Função na escola	Entrevista	Tipo de Entrevista	Duração
1	Diretora adjunta de carnaval	1	Exploratória	2 h
		2	Semiestruturadas	2 h 34 min
2	Diretor de carnaval	3	Exploratória	30 min
		4	Semiestruturadas	1 h e 49 min
3	Carnavalesco	5	Exploratória	1 h
		6	Semiestruturadas	2 h e 40 min
4	Destaque e estilista 1	7	Exploratória	1 h
		8	Semiestruturadas	2 h e 13 min
5	Fornecedor	9	Exploratória	2 h e 30 min
6	Destaque e estilista 2	10	Exploratória	1 h 15 min
		11	Semiestruturadas	1 h e 37 min
7	Coreógrafos da comissão de frente	12	Exploratória	50 min
		13	Semiestruturadas	1 h e 35 min
8	Integrante da velha guarda	14	Exploratória	40 min
9	Estilista e ex-carnavalesco	15	Exploratória	1 h e 20 min
10	Diretor adjunto de carnaval	16	Semiestruturadas	2 h e 55 min
11	Diretor adjunto de harmonia	17	Semiestruturadas	1 h e 5 min
12	Mestre de bateria	18	Semiestruturadas	2 h e 12 min
13	Coordenadora de alas	19	Semiestruturadas	1 h e 20 min
14	Estilista e coreógrafo de ala	20	Semiestruturadas	1 h e 41 min
15	Enredista	21	Semiestruturadas	2 h e 7 min
16	Compositora	22	Semiestruturadas	2 h
17	Escultor	23	Semiestruturadas	1 h e 56 min
18	Estilista	24	Semiestruturadas	51 min

Fonte: Elaborado pela autora

A pesquisa documental, por sua vez, contou com samba alusivo⁴, enredos, sambas-enredos, regulamento do carnaval⁵, setorização do desfile⁶, *script* do desfile⁷ e resultado da apuração do carnaval. Por ser a produção do desfile rica em imagens, também lanço mão de algumas fotografias, que ajudam a ilustrar os elementos da prática carnavalesca.

Em relação à análise e interpretação dos dados, empreguei a análise de conteúdo temático *a posteriori* (SONPAR; GOLDEN-BIDDLE, 2008), assim como o procedimento em espiral proposto por Creswell (2012).

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nos tópicos a seguir apresento os resultados da pesquisa, organizando-os em três categorias centrais: A socialização dos integrantes da escola; “Luxo na avenida”; e “Uma vida, uma história, uma escola”.

6.1 A SOCIALIZAÇÃO DOS INTEGRANTES DA ESCOLA

Ao longo da pesquisa de campo pude perceber que a história de vida da maioria dos sujeitos de pesquisa se confundia com a história do carnaval capixaba. Na escola de samba estudada, as famílias dos fundadores participavam ativamente do cotidiano da agremiação, ocupando, inclusive, cargos no conselho, na presidência e na diretoria. Por conta disso, alguns integrantes afirmavam que torciam pela escola, que estavam envolvidos com a agremiação “desde sempre”, referindo-se ao fato de pertencerem a uma dessas famílias.

“ [...] a escola foi fundada na varanda da casa da minha avó [...] a gente cresceu envolvido nisso, [...] vendo tudo que estava acontecendo. [...] quando eu nasci, já existia a escola de samba [...] a gente não desfilava, mas a gente ia [...] pra assistir, a gente já ia pequena pro Sambão. ‘Olha lá, seu pai está vindo, [...] acorda pra ver seu pai!’ [...] na casa da minha avó era assim: eles faziam fantasias lá, porque minha tia era costureira [...] A dona Maria Coroa [fundadora da escola] é mãe do seu pai. [...] mesmo que indiretamente, toda a família por parte de pai já participou [da escola] (Entrevista diretora adjunta de harmonia).

“ Quando eu comecei era muito moleque ainda, ficava com meus irmãos e meus amigos. [...] a escola era só a bateria, só saíam os homens lá. [...] eu era moleque, tinha 11 anos. [...] carreguei o estandarte, depois meu pai fez um tamborzinho [...], eu saía tocando [...]. Ai, já com 12, 13 anos, comecei a tocar [na bateria da escola] [...] Com uns 19 anos eu ficava ajudando o [mestre de bateria] (Entrevista mestre de bateria).

Dessa forma, esses indivíduos tiveram seus primeiros contatos

(direta ou indiretamente) com a produção do desfile ainda na infância; aprendendo a participar das práticas carnavalescas durante sua socialização primária, adquirindo e incorporando microversões dos elementos que organizam essas práticas (SCHATZKI, 2002; RECKWITZ, 2002); o que inclui as teleoafetividades que constituem todo o processo organizativo do fazer carnaval.

É por isso que, para muitos desses integrantes, honrar o pavilhão da escola significa honrar sua própria história e a história da sua família; o que ilustra o forte vínculo social e afetivo desses indivíduos como sua “escola do coração”, assim como os afetos, a honra, o prestígio e a felicidade que se sente ao se engajar na prática carnavalesca. Para esses sujeitos, colocar a escola na avenida não significa apenas corresponder a amizade, ou o prazer de desfilar, mas retribuir toda a dádiva que se recebeu da própria família (Figura 1).

Figura 1: Fim do desfile carnavalesco



Fonte: <http://vivasamba.com.br>

Esse trecho da entrevista com o mestre de bateria também explicita alguns dos significados atribuídos por muitos dos integrantes da escola ao carnaval, ao seu envolvimento afetivo com sua escola do coração.

“ [...] reza a lenda que a gente vive várias vezes. Você vai e volta, vai e volta, vai e volta, até que você chega na última etapa da sua vida que é no samba, que é o momento da alegria. Ai, você chegou no paraíso, no samba, é alegria. [...] coisa bonita, um palco descontraído, uma outra história, uma outra vida. Não! Basta a gente estar nesse país com tanta miséria, tanto sofrimento (Entrevista mestre de bateria).

Para esses foliões, carnaval é sinônimo de felicidade, sendo prazeroso estar envolvido com a produção do desfile.

“ Do que eu mais gosto? De tudo! [...] é trabalhoso, mas você conseguir botar uma escola pra atravessar uma avenida, é fantástico. [...], mas dá muita

dor de cabeça. Então todo ano a gente fala: ‘Não quero saber mais disso’. Mas não tem jeito, aí no outro ano você está aqui de novo, aí começa tudo de novo, aí de novo [...] Todo ano você fala que não quer, mas sai... porque a gente não aguenta, a gente vê aquilo e: ‘ah, vamos lá ajudar, vamos fazer alguma coisa’. E a gente sai [...] (Entrevista diretora adjunta de carnaval).

A lógica social que orienta a dádiva é explicada por meio da obrigação de retribuir. O caráter aparentemente voluntário, livre e gratuito da dádiva, é, ao mesmo tempo, obrigatório e interessado. Cada uma das obrigações de “dar-receber-retribuir” cria um laço entre os atores da dádiva (MAUSS, 2013), o que justifica as expressões “a gente não vive sem carnaval!” e/ou “eu faria tudo de novo”. Afinal, colocar a escola na avenida, ou seja, retribuir a dádiva que se recebeu, além de ser uma “questão de honra”, significa resguardar seu prestígio, seu *mana*!

6.2 “LUXO NA AVENIDA”

Durante a produção carnavalesca, uma das coisas que mais chamou minha atenção foi o fato de as fantasias dos destaques não serem diretamente um quesito de julgamento. Durante uma das minhas primeiras entrevistas, fiz a seguinte pergunta a um estilista: “Esse trabalho que você faz está ligado a quais quesitos de julgamento?”. Para minha surpresa, essa foi sua resposta:

“Então, isso que é muito engraçado. Olha, os destaques, as rainhas, elas gastam rios de dinheiro e eles não têm importância nenhuma, a não ser luxo. Porque em notas, que eu acho que é isso que você quer chegar, nós não somos quesitos. [...] Elas fazem parte do geral [da avaliação geral do quesito fantasia]. Na realidade [...] se elas estão lindas, elas passam, se elas estão feias, elas são canetadas, mas elas não servem de nada. [...] Porque o único quesito [específico] de roupa que é avaliado é mestre-sala e porta-bandeira. Rainha de bateria não é avaliada, madrinha de bateria não é avaliada, destaques [...] não são avaliados. [...] Se tiver perfeito, bem, obrigado [...] (Entrevista destaque e estilista 2)

Apesar de não haver um quesito específico, explícito, ou formal que avalie as fantasias dos destaques; os destaques são muito importantes para a agremiação. Durante o desfile carnavalesco, os destaques de chão têm a função de preencher eventuais espaços entre as alas e os carros alegóricos (Figura 2).

Figura 2: Destaque de chão do carro abre-alas



Fonte: <http://www.soues.com.br>

Todavia, compreender os destaques meramente como elementos que preenchem esses eventuais espaços vazios, ajudando no quesito evolução, é ver apenas a ponta do *iceberg*, ou seja, a *performance* desses integrantes da escola de samba, e não seu acontecimento.

Os destaques são responsáveis por “levar luxo para avenida”, impactando visualmente o público e, principalmente, os jurados. No carnaval atual, espera-se que as escolas tenham fantasias bonitas, bem-feitas, esteticamente bem apresentadas (Figura 3). Afinal, um desfile só é considerado “bom” quando é luxuoso. “Levar luxo para avenida”, gastando “rios de dinheiro”, significava retribuir a dádiva que se recebeu (o prazer de desfilar e a amizade, por exemplo).

Figura 3: Rainha de bateria



Fonte: <http://www.soues.com.br>

Afinal, a lógica social que orienta a dádiva também deve ser explicada por meio da obrigação de retribuir (MAUSS, 2013).

“ [...] o amor pela escola, isso é fundamental, desfilar na [escola de samba] é uma realização, é algo inexplicável. [...] todos os anos eu venho recebendo [...] convites pra desfilar em outras agremiações e eu nunca aceitei. [...] elas não são a minha escola de coração. Eu quero brilhar na minha escola! [...] você é um patrocinador da escola, você está levando luxo [...] (Entrevista destaque e estilista 2)

É interessante notar que o acontecimento dessas relações de dádiva, assim como o de outras práticas sociais quaisquer, organiza-se em torno dos arranjos materiais que dão suporte à prática carnavalesca. Nesse caso específico, troca-se a festa, o privilégio e a honra de ser destaque, e o prazer de sentir-se majestoso (ou seja, bens simbólicos) por fantasias luxuosas e caras (bens materiais). Afinal, considerando que, durante o desfile, as fantasias (assim como os carros alegóricos) formam verdadeiras extensões dos corpos, o que seria dos destaques sem suas roupas suntuosas, seus imensos costeiros⁸ de penas de faisão ou seu carro alegórico?

O fato de as obrigações de dar, receber e retribuir não se restringirem somente a bens materiais revela que no sistema de dádiva reina o respeito recíproco, a nobreza, a honra, o prestígio que o doador ganha ao dar (MAUSS, 2013). Assim, a dinâmica emocional/afetiva que constitui, organiza e orienta fortemente a prática da dádiva (assim como a vida em sociedade) é evidenciada.

6.3 “UMA VIDA, UMA HISTÓRIA, UMA ESCOLA”

No ciclo carnavalesco de 2014/2015 a escola de samba tinha como grande objetivo representar positivamente sua comunidade (CAVALCANTI, 1994). Afinal, “colocar a escola na avenida” era uma “questão de honra”, algo que não foi abalado nem mesmo com o inesperado falecimento do presidente da agremiação, há apenas dois dias do desfile.

Nesse dia, eu acompanhava os trabalhos no barracão pesado. Apesar das restrições financeiras e de tempo (já que os carros alegóricos ainda estavam “no ferro”, ou seja, sem nenhuma escultura ou adereço), as poucas pessoas que estavam trabalhando no barracão sequer mencionavam a possibilidade de a escola deixar de desfilar; o que me impressionou. Pelo contrário, após essa grande perda, os integrantes da agremiação ganharam um motivo a mais para colocar a escola na avenida: honrar não apenas seu pavilhão, mas também a memória do presidente, que havia sido mestre de bateria e era um dos filhos da matriarca que fundou a agremiação.

Durante o desfile carnavalesco o ex-mestre de bateria foi homenageado. No último dos quatro carros alegóricos havia um grande banner, com uma foto do presidente sorrindo e a seguinte frase: “uma vida, uma história, uma escola”. Pude perceber que, para os

integrantes da agremiação, colocar a escola na avenida, honrando não apenas o pavilhão da escola, mas também a memória do seu presidente, significava retribuir a dádiva que se recebeu (o prazer de desfilar, a amizade e a família, por exemplo). Assim, retribuir a dádiva se revelou como um dos objetivos da escola de samba em análise. Afinal, os objetivos de uma organização podem ir além de seus resultados, orientação, sobrevivência ou vantagem competitiva – sendo esses exemplos de objetivos instrumentais e racionais –, abarcando honra, prestígio, felicidade, alívio, sensação de “dever cumprido”; enfim, os afetos que os indivíduos sentem ao se engajarem em uma determinada prática.

Inclusive, durante a apuração do carnaval, o vice-campeonato da escola foi dedicado ao seu presidente. Ao final da contagem das notas, eu (uma pesquisadora-integrante-foliã) e os integrantes da agremiação nos levantamos espontaneamente, batemos palmas e gritamos o nome do ex-mestre de bateria. Foi dessa forma que a lógica híbrida das relações de dádiva (MAUSS, 2003) e o dinamismo do processo organizativo da produção carnavalesca foram evidenciados.

Colocar a escola na avenida, honrando o pavilhão e a memória do presidente, foi justamente a intenção/finalidade que guiou o que fazia sentido para os integrantes da escola de samba, orientando o desdobramento das ações imediatas desses indivíduos. Esse senso de propósito transformou-se, rapidamente, em um desejo muito forte, não apenas da diretoria ou do carnavalesco, mas de cada integrante e/ou folião que considerava essa agremiação como sua escola do coração.

Conforme mencionado, a teleoafetividade também pode orientar o que as pessoas fazem, uma vez que os indivíduos socializados em torno de uma determinada prática incorporam microversões da teleoafetividade que a organiza; transformando-a justamente em desejo (SCHATZKI, 2002). Dessa forma, senso de propósito e afetos não são necessariamente contraditórios ou ambíguos, podendo se complementar; uma vez que a dinâmica emocional/afetiva constitui, funda os processos organizativos e a vida social (RECKWITZ, 2012). Aliás, uma das características das teorias da prática é justamente superar as várias dicotomias estabelecidas pelas teorias sociais modernas, deslocando a ênfase para as relações entre os atores sociais e os elementos que compõem as práticas cotidianas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se propõe a analisar como outras possibilidades de relações sociais, marcadas pela honra, respeito, afeto e reciprocidade, influenciam a vida social e o processo organizativo (*organi-*

zing) de uma escola de samba. Para compreender esses fenômenos utilizei a epistemologia de Schatzki e as noções de dádiva e reciprocidade de Mauss. A fim de alcançar o objetivo geral, realizei esta pesquisa por meio da triangulação entre observação participante, entrevistas e pesquisa documental.

Os resultados apontam que, no processo organizativo e na vida social da escola, as dádivas recíprocas revelaram-se como uma prática social, sendo fortemente marcadas e organizadas pelas teleoafetividades. O grande objetivo do carnaval de 2014/2015 foi honrar o pavilhão e a memória do presidente da escola de samba, retribuindo a dádiva que se recebeu (o prazer de desfilar, a amizade e a família, por exemplo). Esse era o desejo de cada integrante e/ou folião que considerava essa agremiação como sua escola do coração.

Diante disso, considero que os objetivos de uma organização estão para além de seus resultados, orientação, sobrevivência ou vantagem competitiva; abarcando honra, prestígio, felicidade, alívio, sensação de “dever cumprido”; enfim, os afetos que os indivíduos sentem ao se engajarem em uma determinada prática. Entender os objetivos organizacionais de modo estritamente performático é enxergar apenas a ponta do *iceberg* e não o acontecimento das organizações enquanto um fenômeno social.

Os objetivos (enquanto senso de propósito) de uma organização, ao serem incorporados pelos atores sociais durante sua socialização, transformam-se em desejos, abarcando sentimentos, emoções e humores dos indivíduos enquanto praticantes, atores sociais. Dessa forma, a teleoafetividade também podem orientar o que as pessoas fazem; sendo as dádivas recíprocas exemplos de ações de “fazer” e “dizer”, de práticas sociais orientadas por essa dinâmica afetiva.

Nos Estudos Organizacionais, as noções de dádiva e reciprocidade de Mauss têm sido empregadas ainda de modo emergente, concentrando-se em estudos sobre economia solidária (FRANÇA; DZIMIRA, 1999; GAIGER, 2008; DE-FRANÇA-FILHO, 2013). Além disso, este trabalho contribui para o campo ao analisar a dádiva enquanto uma prática social, revelando que as teleoafetividades também podem orientar o que as pessoas fazem, ou seja, as práticas sociais. Mesmo nos EBP, ainda se tem dado pouca atenção a dimensão afetiva da vida social (RECKWITZ, 2012).

Sendo a prática o principal elemento constitutivo da realidade social (SCHATZKI, 2002; NICOLINI, 2013; FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011), afirmar que as teleoafetividades organizam toda e qualquer prática (SCHATZKI, 2002; 2005; 2006; 2012) significa ressaltar que as teleoafetividades são dimensões básicas, elementos constitutivos e fundadores da vida em sociedade na qual estamos todos e “desde sempre” já imbricados (HEIDEGGER, 2005; RECKWITZ, 2012). Dessa forma, a afetividade poderia ser reintegrada às análises sociais e organizacionais; afinal, afetos, sentimentos, emoções e humores assumem um papel ativo na constituição da realidade social e dos processos organizativos (RECKWITZ, 2012).

Estudos futuros poderiam analisar a dinâmica afetiva de outras organizações e/ou manifestações culturais tipicamente brasileiras, a fim de traçar diferenças e semelhanças entre distintos processos organizativos. Dessa forma, o carnaval de rua e seus blocos, as quadrilhas juninas, a festa do boi, o Maracatu e o Congado capixaba poderiam ser estudados.

ⁱ História que está sendo contada pela escola durante o desfile carnavalesco.

ⁱⁱ Samba que retrata o enredo escolhido para o desfile de uma escola.

ⁱⁱⁱ Também chamadas de carros alegóricos. São carros ornamentados que representam parte do enredo.

^{iv} É um samba mais curto que narra o amor dos integrantes à sua escola de samba, exaltando a agremiação.

^v Documento público disponibilizado pela Liga das Escolas de Samba a todas as agremiações.

^{vi} Documento interno da escola de samba que trata da ordem sequencial das alas e dos carros alegóricos.

^{vii} Documento produzido pela agremiação (descrevendo o enredo, o samba-enredo e a setorização do desfile) e enviado para a Liga das Escolas. O envio do script é uma obrigação prevista no regulamento do carnaval.

^{viii} Elemento da fantasia que será “encaixado” no ombro do folião, dando “volume”, complementando a fantasia.

Referências

- BAUER, M.; GASKELL, G.; ALLUM, N. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BLASS, L. M. S. **Desfile na avenida, trabalho na escola de samba**: a dupla face do carnaval. São Paulo: Annablume, 2007.
- CAVALCANTI, M. L. V. C. **Carnaval carioca**: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: Minc/Funarte, 1994.
- _____. Conhecer desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do carnaval carioca. In:
- CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design**: choosing among five approaches. Sage: [s.n.], 2012.
- CZARNIAWSKA, B. On time, space, and action nets. **Organization**, v. 11, n. 6, p. 773-791, 2004.
- _____. Organizing: how to study it and how to write about it. **Qualitative Research In Organizations And Management: An International Journal**, v. 3, n. 1, p. 4-20, 2008.
- DE-FRANÇA-FILHO, Genauto Carvalho. A problemática da economia solidária: um novo modo de gestão pública? **Cadernos EBAPE. BR**, v. 11, n. 3, p. 443-461, 2013.
- FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing practice and practicing theory. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1240-1253, 2011.
- FRANÇA, G. D.; DZIMIRA, S. Economia solidária e dádiva. **Organizações & Sociedade**, v. 6, n. 14, p. 141-183, 1999.
- GAIGER, Luiz Inácio Germany. A economia solidária e o valor das relações sociais vinculantes. **Revista Katálysis**, v. 11, n. 1, p. 11-19, 2008.
- GOLDWASSER, M. J. **O Palácio do Samba**: estudo antropológico da escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v.1.
- JÚLIO, A. C. Estratégia como prática na produção do desfile de uma escola de samba. 141 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- _____.; TURETA, C. "Turning garbage into luxury": the materiality in practices of the carnival production. **Brazilian Business Review**, v. 15, n. 5, p. 427-443, 2018.
- MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.
- NICOLINI, D. **Practice Theory, Work, & Organization**: an introduction. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- OLIVEIRA, J. S. A política emocional nas práticas de organização do circo contemporâneo: uma etnografia multissituada no contexto Brasil-Canadá. 296 f. 2014. Tese (Doutorado Em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- _____.; CAVEDON, N. R. Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. **Revista de Administração de Empresas**, v. 53, n. 2, p. 156-168, 2013.
- RECKWITZ, A. Toward A theory of social practices: a development in culturalist theorizing. **European Journal Of Social Theory**, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002.
- _____. Affective spaces: a Praxeological Outlook. **Rethinking History: The Journal Of Theory And Practice**, v. 16, n. 2, p. 241-258, 2012.
- SABOURIN, E. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 131-138, fev. 2008.
- SANTOS, L. L. S. O trem não pode parar: reformando uma oficina de locomotivas. 311 f. 2014. Tese (Doutorado Em Administração) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.
- SCHATZKI, T. R. **The site of the social**: a philosophical account of the constitution of social life and change. Pennsylvania: Pennsylvania State University, 2002.
- _____. The sites of organizations. **Organization Studies**, v. 26, n. 3, 2005.

_____. On organizations as they happen. **Organization Studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.

_____. A primer on practices: theory and research. In: HIGGS, J. *et al.* **Practice-based education: perspectives and strategies**. Rotterdam; Netherlands: Sense Publishers, 2012.

_____.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. **The practice turn in contemporary theory**. London: Routledge, 2001.

SONPAR, K.; GOLDEN-BIDDLE, K. Using content analysis to elaborate adolescent theories of organization. **Organizational Research Methods**, v. 11, n. 4, p. 795- 814, 2008.

SOU ES. **Sou ES**. 2015. Disponível em: <http://www.soues.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2015.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. New Delli: Sage, 1994.

TURETA, C.; ARAÚJO, B. F. V. B. de. Escolas de samba: trajetória, contradições e contribuições para os estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 64, p. 111-129, 2013.

VIVA SAMBA. **Viva Samba**. 2015. Disponível em: <http://www.vivasamba.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2015.